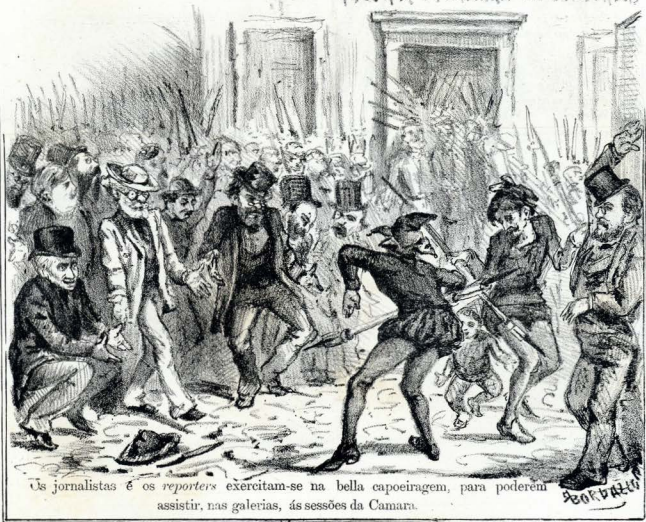




REDACÇÃO, RUA NOVA DO OUVIDOR N. 33, SOBRADO.

GALERIA DA CAMARA DOS DEPUTADOS



Os jornalistas e os reporters exercitam-se na bella capoeiragem, para poderem assistir, nas galerias, ás sessões da Camara.

BORDALO

EXPEDIENTE

Christo e a humanidade. E' uma bella conferencia, feita pelo Sr. Lima Castro a beneficio das victimas das inundações em Portugal. Respira-se um sopro juvenil e entusiastico nessas paginas inspiradas por um inquebrantavel amor ao progresso e á liberdade. Por vezes é eloquente. Depois de demonstrar que o progresso é um facto e uma lei, dirige-se áquelles que lhe tentam pôr uma barreira e exclama:

« Não obstante, quando tudo se move e se agita, sinto dizel-o, um exercito de sotainas, de que é general o chefe do Vaticano, sempre machinando e mentindo, brandindo o *Syl. labus*, que é a negação de toda a actividade, que se afasta da luz e caminha para as trevas, tenta derrubar a obra gigantesca de nossos pais, sobre cujas ossadas levantamos os templos da justiça e da liberdade! »

Prospecto da Garantia e Protecção mutua. E' um folheto de 16 paginas, aonde se contém o programma desta associação.

Deutsch Zeitung. Contém as seguintes materias: O Imperio do Brazil na exposição (fim) — Uma exposição dos clerigos de todas as seitas — Politica estrangeira — Provincias — A actualidade — As camaras — Ministerio da Agricultura — Viagem de S. M. o Imperador — Grève — Corrupção — Diversas.

Entrada de ferro de Porto Alegre a Uruguayana. O ministerio da agricultura e o engenheiro João Ernesto Viriato de Medeiros.

Noções de arithmetica, para as escolas de instrucção primaria, por Manoel Rodrigues da Costa.

Revista Illustrada n. 57.

Premeditação ou loucura? estudo por W. Allen, sobre uma causa celebre.

Devaneios. Poesias de Affonso Celso Junior, é um bonito livro de versos, no qual se encontram deliciosas poesias, denotando uma individualidade litteraria bem acentuada. O limitado espaço que dispomos não nos permite fazer a critica detida de que este livro merece. Em todo o caso pedimos aos nossos leitores que lêam o livro porque não perderão o tempo.

Figaro. Contém varios desenhos politicos, quasi todos de opposição ao gabinete.

Em um d'elles representa uma tourada e colloca a situação na parte mais escabrosa do touro, justamente aonde se termina a columna vertebral... Parece-nos exagerado.

Leitura do Domingo. Contém a continuação de diversos romances.

Sentindo que o míquigado espaço d'esta secção não nos permitta escrever mais detidamente de algumas das publicações mencionadas, agradecemos aos seus autores a delicada attenção que tiveram para conosco.

O nosso amigo e collega Joaquim Serra acaba de perder uma estremecida filhinha. Para dôres, como esta, não sabemos que existam palavras de conforto. Só as lagrimas do seu coração de pai, e o sentimento das pessoas que compartilham esse infortunio, poderão ser um balsamo á ferida que se abriu em seu peito.

Associamo-nos á sua dôr.

PALESTRA.

Temos o communismo no poder!

Um livro, um artigo, um discurso, constituem uma propriedade tão incontestavel e tão digna de respeito como uma casa, um campo, uma apolice.

Pois bem. A mesa da camara dos Srs. deputados, conservadora. amante da ordem, retrograda mesmo, lançou-se sobre o discurso de um Sr. deputado, cortou-o, depreciou-o, restringiu-o, sem consentimento de seu legitimo proprietario, e fel-o publicar depois com as *evatas* que quiz, rendendo culto e tornando-se solidaria com a celebre phrase: A propriedade é um roubo!

*

Quando a horas mortas da noite, um individuo saltando o muro de um quintal, se apodera das flores do jardim, despedaça as arvores, quebra as grades, a policia intervem no caso, organisa-se um processo e o delinquente é mandado para Fernando de Noronha, por ter attentado contra a propriedade alheia. A sociedade julga que elle praticou um crime e portanto condemna-o, com toda a justiça.

*

Pedimos só uma cousa: coherencia. Ou o partido conservador que felinamente nos rege, respeita a propriedade alheia ou nós mandamos voltar todos os delinquentes que

estão cumprindo sentença, por attentados semelhantes. Quem assalta uma casa é um criminoso. Quem assalta um trabalho litterario será um heróe!

O Sr. conselheiro Paulino desceu magestosamente da presidencia, subio á tribuna parlamentar e tentou defender um acto arbitrario praticado pela mesa. Quando um talento notavel, argucioso e perscrutador, não produz um só argumento convincente em defesa de um certo acto, é que elle não tem na realidade, cousa alguma que o justifique. E o discurso do Sr. conselheiro Paulino prova que a violencia praticada pela mesa foi uma arbitrariedade sem defesa possível, um ataque a todos os direitos, como esses que os incendiarios de Pariz e de Carthagena praticaram.

Tivemos, pois, ainda que momentaneamente, a communa do poder.

Oxalá que não volte!

JULIO VERIM.

GALERIA THEATRAL

(Quinta serie)

CRITICOS, AUTORES E ARTISTAS

XII.

MEDEIROS

E' um invento dos Srs. Pires & Lemos, dos seiscentos mil paletós.

Imaginaram-no, e mandaram-no fazer de proposito para a frente da sua loja de *roupas-feitas*, á rua do Ouvidor.

Assim, de dia figura na frente da loja, e á noite por emprestimo, vai figurar no theatro.

(Em vez de figurar, lê-se — representar.)

Mas no theatro ou na rua do Ouvidor, e mesmo em qualquer parte que appareça, é sempre o homem dos seiscentos mil paletós.

E' sempre o annuncio dos Srs. Pires & Lemos.

E' todo feito de madeira, por dentro, e de madeira dura e pesada.

Mas está incarnado a capricho, como os santos que vêm de Lisboa.

E mesmo, se não fóra o seu apêgo aos paletós, bem feiti-nho como é, dava um santo para qualquer altar.

Nó, seria mesmo um S. Sebastião do Castello.

Quem o affiança é uma actriz devota, que vai de vez em quando aos barbadinhos.

A Sra. Ignez, que tambem lá vai, embora sem devoção, é de opinião contraria.

Diz ella que o S. Sebastião de paletó é que ficaria parecido com elle.

Infelizmente, não ha santo de paletó.

Nem tão pouco ha paletós para os santos.

Por isso elle fez-se actor.

Pois não ha profissão alguma em que se tenha de mudar mais frequentemente de paletó.

Aquillo é para cada papel um paletó, quando não é um paletó para cada acto.

E como o paletó é mais commum nos galãs, foi esse o genero que elle adoptou.

Dos outros artistas diz-se: é galã dramatico, é primeiro ou segundo galã, é galã comico.

Delle póde-se dizer: é galã paletó.

E' um genero novo, creação sua, invento que é delle só.

No paletó é que consiste o seu caracteristico.

A scena capital do seu papel decide da cor do paletó.

Se é uma scena de duello, paletó preto todo fechado;

Se é uma scena de conquista séria, paletó abotoado com um botão só;

Se é uma orgia, paletó azul desapertado;

Para scena de amores campestres, paletó alvadio;

Em tratando-se de amores facis, paletó cor de rapé;

Sendo uma scena de simples namoro, o paletó é cor de azeitona.

Quanto ao feitiço do paletó, depende da actriz com quem joga a scena:

Para a ingenua, é paletó abotoado com grande traspasso;

Para a dama galã dramatica, deita gola de seda, ou de velludo;

Para a dama central, é paletó frack, aberto na frente e de lapellas acolhoadas;

Para as velhas caricatas e *duègues*, põe pestanas com botões na aba trazeira.

O paletó é, pois, o seu cunho artistico, o seu genero.

Tambem não aceita papel que não seja obrigado a paletó.

Excepto o papel de *princees* de magia.

Em havendo *princees* na peça, está sabido que o *princees* é elle.



Em rasteiras o mais hábil é o Neco do Diário

e em facadinhas o Sr. Gonzaga do dito, que deu uma no senado que o pos zozos. (A isto se chama apanhar veados com alpista.)

O Sr. Castro fez com tanta porfeia uma sorte de capocagem na galeria,



que é sabido quiseram dar-lhe a frute espetula, que recebe agora o publico livre, illustrado e independente, que assiste ás sessões.

O Sr. Castro recusou com dignidade dizendo: Sos o Sr. Castro.

Qual delles? perguntou o porteiro. O Castro forte..... e ostroa em quem poder não teve a morte.

Isto com certeza não se entende com o Sr. Tinoco.



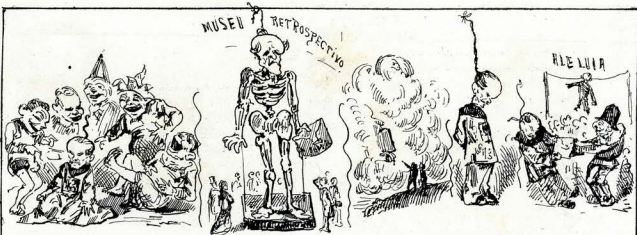
E aguerriro e nado urbano, com a opposição, o aspecto desta galeria de urbanos.

Productos toizes do empenho de honra.



Tambem para que quer o Zé Povinho assistir ás sessões! Para ouvir cantar a aria da irresponsabilidade: Não sou eu, não sou eu, não sou eu, acompanhada a violão, n'uma corda só, pelo 'general do futuro!

ou ver no senado o Sr. Velho puxado á cadeira por um voto (o do ministro!) Foi um negocio da China, que garantiu ao país uma phantasia mais.



Bem diziamos nós que elle nos faria rir, á falta do Sr. José Bento,

ministro, mytho, que passou as épocas pre-historicas sem ter explicado a sua existencia.

Ministro mytho = ministro chin,

que só largará a pasta no sabbado d'alle-luia, pela razão que



Ceci tuara cela, assim como

Ceci a tuá cela. A quem a responsabilidade, ao carnaval ou ao telegrapho?

O Sr. Velho ácou, como sempre, sumido na cadeira. Uma chiniserie.

Não succede o mesmo ao Sr. Dr. Bernardino Machado, natural do Rio de Janeiro e ultimamente nomeado professor de philosophia na universidade de Coimbra.

Duas cadeiras bem differentes. A do Sr. Velho alcançada por um voto (o seu?), a do Sr. Machado pelo voto de um paiz inteiro. Sempre vale de alguma cousa o ter talento.



O governo julga que a pera de Satanás é a pera do Sr. José Bento e massae.

O Apostolo pensa que é a do Sr. Saldanha Maranhão e ri-se.

Pois não é nem uma nem outra. É simplesmente a velha pera de Eduardo Garrido frizada de novo pelo Sr. Carlos de Menezes.

Foi uma especialidade que elle arranjou.

E é a unica variante que os Srs. Pires & Lemos lhe permitem.

— Ou Cesar, ou João Fernandes! dizem-lhe os Srs. Pires & Lemos.

E os echos vão repetindo ao longe:

— *Ou príncez, ou o boneco dos seiscentos mil paletás!*

GRYPHUS.

ZIG-ZAGS

Nec, delicioso escriptor, que por excesso de modestia não costuma assignar nos seus folhetins o resto do nome, que é, como a primeira palavra o está indicando, *Nec... plus ultra*. tem continuado a deleitar os leitores do *Diario*, irmão siamez do *Apostolo*, com a sua critica quotidiana. Dirige-se á *Gazeta*, ao *Caipira*, ao *Jornal*, e ao *Globo* aspirando aniquilar com um dito o que esses seus antagonistas affirmam com um artigo.

Parece ávido de uma polemica, e belisca com a impertinencia de criança voluntariosa as epidermes, mais ou menos duras, dos collegas. Acontece, porém, que as suas ironias dirigem-se sempre áquelles que lhe não respondem. Ha pouco o Caipira teve um impeto, ligeiramente selvagem e chamou-o *metidoço*. *Nec*, concentrando as mais penetrantes ironias, lançou no dia immediato terríveis epigrammas contra... a *Gazeta*.

Aconteceu-lhe como áquelle celebre atirador. a quem um individuo perguntava o lugar do alvo, para se ir pôr ahí, como sendo o ponto aonde menos probabilidades tinha de receber o projectil.

Nec, ninguem o pôde negar. se pelo espirito tem um lugar muito assignalado entre os litteratos do nosso paiz... que escrevem no *Diario*, pela tendencia do seu temperamento está ao lado do *Apostolo*. A Exma. Sra. de Lourdes proporeionou-lhes um ponto de coincidencia. Disseram: " Nossa Senhora desta ou daquella invocação é sempre a Virgem Mãe de Christo. "

Os crêntes sinceros repellirão de certo uma tão grosseira aproximação. Nossa Senhora de Lourdes é a criação industrial de alguns jesuitas que, não tendo mais nada para vender, se fizeram negociantes de protoxido de hydrogenio. A Mãe de Christo, como a tradição nol-a pinta e como a arte a interpreta, é uma inefável figura, á qual se pôde negar a divindade, como cinco sextas partes da população do globo lh'a nega, mas que se impõe ao respeito pelo seu martyrio e pelas agonias do seu coração de mãe.

Portanto aproximar duas figuras uma affectuosa, a outra industriosa, pol-as ao mesmo nivel, fazel-as coincidir. é confundir um sentimento doce, materno, com a ganancia commercial de um judeu agiota.

Todas as mães, e appellamos para ellas, nas manifestações de seu santo amor pelos filhos, não tem um só ponto de contacto com a sede de ouro do judeu Gobsek, de Balzac.

Nec lamentou-se um dia de que tendo descido ao már da imprensa não encontrára ahí... uma só perola.

Guerra Junqueiro, dirigindo-se um dia a uns burguezes, escreveu estes versos, que o *Apostolo* devia reclamar:

Não têm receio das fêrulas
De Juvenal indignado;
Mas, quem lhes atira perolas
Realiza um certo dictado...

J. V.

Erratas.

Resolvemos abrir uma nova secção, afim de desfazer os equivocos e os lapsos, que muitas vezes, por falta de tempo... e de grammatica, apparecem nos jornaes.

No jornal *X*, nonde se lê:

" A policia prendeu uma feiticeira e diversos individuos que a estavam consultando.

" Encontraram-se varios objectos e alguns rosarios.

" Foram todos recolhidos á cadeia. "

Diga-se:

" Foram todos recolhidos á cadeia municipal, na falta de uma cadeia propria para os rosarios."

O *Globo* de ante-hontem, fallando da partida do vapor couraçado *Almirante Cochrane*, diz:

“ Que bonançosos ventos o conduzam ao seu destino. ”

Leia-se:

“ Que a bonançosa machina a vapor o conduza etc. ”

A *Illustração do Brasil* do dia 1 de Março de 1877 diz:

“ O S. Luiz representa a *Pera de Satanaz*, aonde a delicadeza da musica, quando mais não seja, chama a concurrencia dos espectadores. ”

Como a *Pera de Satanaz* só foi á scena, ao theatro S. Luiz, pela primeira vez no dia 6 de Março, leia-se:

“ O S. Luiz não representa a *Pera de Satanaz*, aonde a delicadeza da musica quando mais não seja, não chama (por ora) a concurrencia dos espectadores. ”

Julgamos prestar, com esta nova secção do *Mosquito*, um serviço aos nossos collegas, tanto daôrte como de Matto-Grosso.

Fabula instantanea.

O clero não vai bem! O povo já descerê
De Lourdes, de Salette e do Paps, porque
Com *Papas* e bollos
Se enganam os tolos.

FRADIQUE.

Coisas e tal

Ao mesmo tempo que o Sr. José Bento, mandava buscar a Portugal professores para uma escola elementar, a Universidade de Coimbra admittia entre o seu professorado o Dr. Bernardino Machado, filho do Rio de Janeiro.

Nós adoptamos aqui um systema muito curioso em materia de instrucção publica. Pedimos aos outros, como mendigos, aquillo de que não precisamos, e fazemos-lhes presente do que nos é absolutamente indispensavel. Quem dá o que o que tem, a pedir vem. E' justo.

O *Globo* responde muito a serio a um seu assignante que se apresenta a defender o direito de *matar os escravos*. A pena de morte é barbara e injustificavel, quando applicada aos homens, não quando se lança a esses miseros seres que constituem uma propriedade legal. Conclue-se que o escravo não é um homem.

Responder a taes argumentos, é dar-lhes um caracter de seriedade que elles não têm.

E' apresentar a doutrina de que o escravo é um homem, como sendo contestavel. Occultemos ao mundo civilisado esta theoria e este assignante.

Na camara dos Srs. deputados, o Sr. conselheiro Paulino, o Homem-idea (Idéa é uma tolice que se nos mette na cabeça. — Heine) procurou defender com um antecedente de defraudação do discurso do Sr. Sergio de Castro. Para isso recordou um acto perpetrado no senado pelo Sr. Visconde de Abaeté. S. Ex., porém, não querendo que pesasse sobre a sua cabeça veneranda uma tão cruel espada de Damocles, dá hoje no *Diario do Rio* um desmentido a tal asserção, demonstrando que não foi elle quem arbitrariamente praticou esse acto, mas o senado depois de consultado em uma votação. Fica pois ao Sr. conselheiro Paulino, intacta, a gloria de ser o benemerito inventor desse systema de castrar os discursos, transformando-os em verdadeiros eunuchos, com voz de falso.

Este facto proporcionou-nos occasião de aproximar duas orthographias, igualmente transcendentaes: a dos documentos officiaes, em outra época, e a do *Jornal do Commercio* de hoje. Os documentos escrevem *questão*, não etc., do seguinte modo: *questam, nam*. O jornal mencionado escreve, por exemplo: *conservaram, fizeram*, assim: *conseevarão; fizerão*. Se esses documentos e o *Jornal* chegassem a um accordo, e a uma troca de prisioneiros, como se faz muitas vezes em campanha! E' uma barbaridade martyrisar assim palavras innocentes, que estão muito socegadas, no dicionario de Moraes, sem fazer mal a ninguém. Arrastal-as á praça publica, transformal-as em histriões, attrahir-lhes as vaías de uma população inteira, é um acto para o qual reclamamos todo o rigor das leis... que regem a orthographia. A lingua portugueza, se fallasse, repelliria de certo estas confusões com a lingua do Rio Grande.

JUNIOR.

MIS ALLUSÕES



No Abel-Helena da Phenix, ahí sim.

Protestam todos os que julgam ver allusões á sua cara.

Voltam-se contra os actores e gritam-lhes :
Larga a cara.



Os actores contestam, briosos. *Para que os senhores mettem-se nisso ?*



Isto não é negocio de *meias caras*. O publico é quem manda e nós não as largamos.



Elle gosta do cancan fradesco : já vio, Sr. Apostolo ? não é o carnava,

é a opinião publica,

que se manifesta sempre com justiça.



E agora... a los toros... por curules.

Será ainda uma allusão !

Pequeno